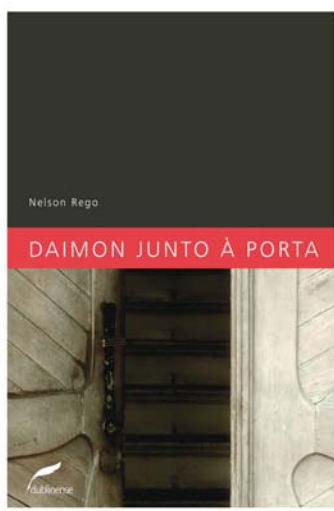




Erotismo e filosofia compõem coleção de arrebatamentos mostrados em *Daimon junto à porta*



Filosófico, erótico, misterioso, prazeroso. Tudo isso é *Daimon junto à porta*, volume de contos de Nelson Rego que tem na figura do daimon – ou dos daimones – o seu símbolo máximo. Retirado do grego, o termo não é simples de explicar – como de resto também não é o livro de Nelson, cheio de significados e camadas de interpretação. Sobre tudo isso e ainda mais – a indicação como finalista na categoria Conto do Prêmio Açorianos de Literatura 2011 – o autor tratou na entrevista que segue:

“O daimon, para os antigos gregos, é tanto a natureza externa quanto a interna”, diz a contracapa do livro. O que originou a escolha desse nome, um tanto incomum?

Daimon é a palavra, em caracteres do nosso alfabeto, que significa o demônio na concepção da Grécia clássica. A escolha pela noção grega, e não pela noção judaico-cristã, é para sinalizar que os demônios do livro não significam unicamente o mal. Na mitologia grega, os daimones são originários da união dos grandes deuses primeiros com a natureza. Os daimones, portanto, são forças da natureza. No entanto, manifestam-se na associação com o humano. Assim, os humanos são possuídos por daimones – por arrebatamentos diversos. Essas forças da natureza manifestam-se, então, por via dos canais oferecidos pelos desejos e valores humanos. Os daimones existem em tensão – conflitos e acordos provisórios – com os valores humanos, ou

seja, com a cultura.

Pode-se dizer que a concepção grega antecipou a noção psicanalítica do eu como o campo de batalha entre as forças dos instintos e as forças da cultura, onde o eu, como se vê, é constituído pelo que é social e histórico, e o que é social e histórico está impregnado de forças instintivas retrabalhadas sob a forma de pulsões. O eu é o arranjo singularizado nos indivíduos do pulsional constituído por sociedade e natureza. Esse arranjo nunca está acabado, está sempre posto em tensão por forças contraditórias e pela relação entre o ser e o vir a ser.

Nos dez contos do livro, há personagens possuídos por esses arrebatamentos diversos. Em alguns casos, os daimones envolvidos coincidem com o demoníaco da noção judaico-cristã, com a qual, aliás, a islâmica é assemelhada. Em outros casos, procurei situar os daimones em manifestações não restritas ao mal, onde formas de um bem pouco convencional para nossa cultura apresentam-se. Na verdade, parece-me que as duas concepções são inseparáveis, ainda que contraditórias. Busquei o daimon grego, mas como poderia afirmar que não estou constituído pela concepção judaico-cristã?

O livro apresenta uma carga de erotismo forte, uma sensualidade por vezes até juvenil, mas também uma veia filosófica, flertando uma com a outra constantemente. Como você vê esse “jogo” operando nos contos?

Espero que esse jogo ajude a criar camadas diferentes de leitura. Pelo que observo da leitura dos outros, os textos são lidos com prazer e curiosidade. Vejo que, em alguns casos, provocam tensão e estranhamento, assim como também provocam desejos. Passada a primeira leitura, parece-me, pelos comentários falados e escritos, que algo fica ressoando no leitor, outras camadas de leitura vão se apresentando.

Ao escrever, pensei, óbvio, em escrever para ser lido, mas também para causar prazer a mim mesmo na criação dos significados, dos enredos e das soluções de linguagem para cada narrativa. Posso dizer que os contos são muito verdadeiros em relação ao seu autor, no sentido de estarem impregnados daquilo que sou e desejo – o que não deve ser confundido com a noção mais banal de autobiografia. Trata-se de ficção. Alimenta-se do vivido sem dúvida, mas é invenção.

Graças a essa mesma sexualidade citada na pergunta anterior, houve quem lhe comparasse com outro Nelson, o Rodrigues. Seria ele uma influência sua? Se sim, além dele há algum escritor que “guie” você mais fortemente?

Sim, fui comparado mais de uma vez ao Nelson Rodrigues. Acho que minha resposta surpreenderá: li pouco o Nelson Rodrigues, faz muito tempo, e não me marcou. Isso, no entanto, não desautoriza de modo algum a comparação. Vibrei com a resenha escrita por Juliana Dacoregio, publicada no “Amálgama”, com o título de “[Coisas simples e amorais](#)”. Penso que ela escreveu de modo bastante inspirado, relatando passo a passo suas impressões de leitura e sintetizando de modo preciso a comparação com Nelson Rodrigues. Essa comparação aparece, no texto da Juliana, como uma hipótese inicial que vai sendo relativizada na medida em que a sua leitura do “Daimon” prossegue.

Autores que me guiam são Cortázar, Borges, Tchekhov, Kafka, Virginia Woolf, Hesse, Poe, Maupassant, Quintana, Kiefer, Faraco, Machado de Assis, Fernando Abreu, Guimarães Rosa, Nabokov, Carrol, Fernando Pessoa, Eça, Rulfo, Carver e muitos outros. Seria preciso citar também fontes da filosofia, do teatro, da música, do cinema, das artes plásticas. As fontes são boas. Os resultados, vamos ver.

Como você recebeu esta indicação ao Açorianos? Chegou a ler algum dos outros livros finalistas?

Fiquei feliz e surpreso. Li o [Delicadamente feio](#), do Ricardo Silveira. Gostei muito, o tratamento da linguagem é primoroso. Fiquei com vontade de ler [A página assombrada por fantasmas](#), do Antônio Xerxenesky, o título é sugestivo. Outros livros que estão na lista para serem lidos são o [Fetiche](#), da Carina Luft, e [Figos maduros](#), do Jorge Bledow, comprei os exemplares na Feira do Livro.

Institucional

- ▶ Editora
- ▶ Clipping
- ▶ Notícias
- ▶ Contato

Livros

- ▶ Catálogo
- ▶ Onde comprar
- ▶ Autores
- ▶ Material para imprensa

Loja

- ▶ Carrinho de compras
- ▶ Política de trocas



 RSS | © Dublinense - Todos os direitos reservados | Desenvolvido por Fernando Leite